



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638006>

DOI: 10.20396/rua.v19i2.8638006

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2015 by UNICAMP/NUDECRI/LABEURB. All rights reserved.

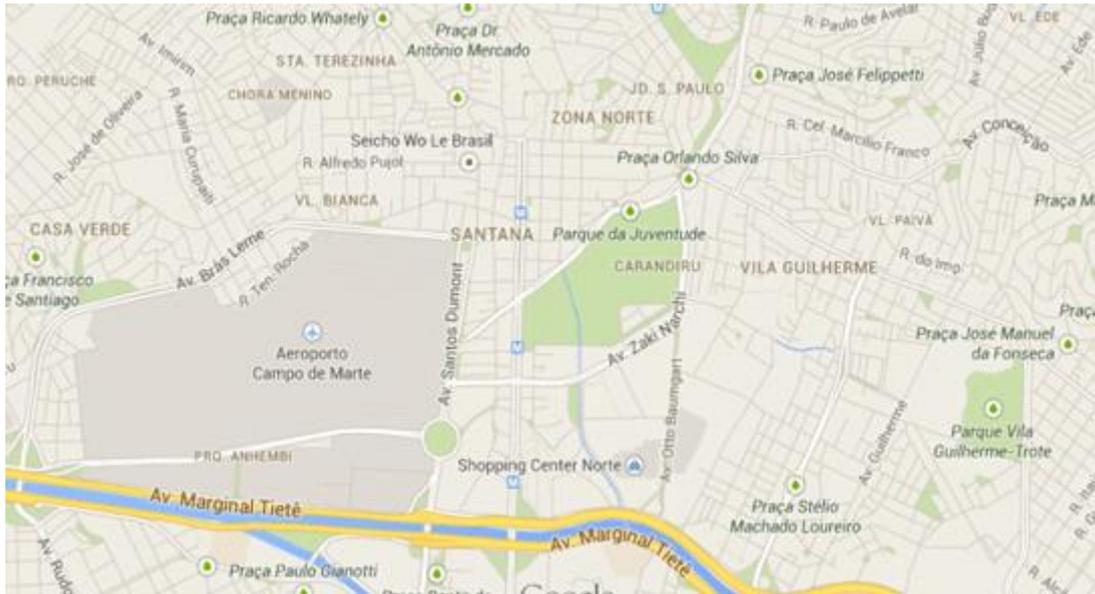
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



**Entre o eterno e o efêmero:
o uso do SIG – Histórico para uma análise da transformação da paisagem¹**
*Between perpetual and the ephemeral one:
the use of the Historical-GIS for analysis of the transformation of the landscape*

Bárbara Lustoza da Silva Borba²
João Rodrigo Vedovato Martins³

Resumo:

O presente trabalho visa associar a geografia histórica com o uso dos Sistemas de Informações Geográficas mediante a abordagem do SIG-Histórico. Para tanto, selecionamos como recortes amostrais o atual Parque da Juventude, na cidade de São Paulo (SP) - a antiga Casa de Detenção do Estado, o Carandiru e a Estação da Luz e seu entorno, com ênfase na região da chamada *Cracolândia*. O objetivo compreende, portanto, a problematização do uso da ferramenta digital em geografia histórica incluindo abordagens sociológicas, com o recorte de espaço delimitado de modo a ilustrar as possibilidades operacionais do uso do SIG-Histórico por meio do Google Earth, com suas abordagens e pertinências teóricas e práticas. Pretendemos ainda realizar debates acerca da importância do espaço e seus elementos na qualidade de objetos de análise dos processos e transformações da paisagem, bem como para o entendimento dos processos políticos e sociais engendrados nos conflitos de interesse e relações de poder vinculados ao uso, história e memória de tais espaços e regiões.

Palavras-chave: SIG-Histórico, geografia histórica, intervenção espaço/paisagem.

Abstract:

The present work aims to associate historical geography with the use of the Geographic Information Systems by means of a Historical-GIS approach. For this, we select as examples the “Parque da Juventude”, at the Sao Paulo city (SP) – the old Carandiru state prison (“Casa de Detenção do Estado”) – and the Luz railway Station, with emphasis in the region known as the “Cracolândia”. The objective includes, therefore, discussion involving the use of a digital tool in historical geography, including sociological approaches, thus delimiting a space in order to illustrate some

¹ O presente trabalho foi apresentado na I Semana das Ciências Sociais IFCH – 2012 e publicado em seus Anais.

² Universidade de São Paulo. Endereço: Rua Jeroaquara, 51. São Paulo-SP CEP 05047-010 E-mail: escolhavegana@gmail.com

³ Universidade Estadual de Campinas. Endereço: Avenida Santa Isabel, 1125. Campinas-SP CEP 13084-643 E-mail: jrvmpunk@hotmail.com

possibilities of using Historical-GIS by means of Google Earth, with its theoretical and practical relevance. We also intend to carry through debates concerning the importance of space and its elements as object of analysis of processes and landscape changes, as well as for the understanding of social and political processes produced in the conflicts of interest. This may help understanding some power relationships regarding the use, history and memory of such spaces and regions.

Keywords: Historical-GIS, historical geography, intervention space/landscape

*Velho ou novo? Trinta anos? Cinquenta? Cinquenta e cinco?
Era difícil dizer. Isso também não tinha importância alguma;
nesse ano de estabilidade, nesse ano de 632 de N.,
não ocorria a ninguém fazer tal pergunta.
Aldous Huxley, Admirável Mundo Novo (1932)*

Introdução

Abordar o tema da geografia histórica nos meios digitais foi desde o princípio intrigante. O uso dos meios digitais – já popularizados amplamente pela internet, por exemplo – faz parte de nosso cotidiano, porém seu recurso como ferramenta de trabalho e análise tem gerado questionamentos.

Escolher o programa Google Earth para associá-lo a uma perspectiva histórica e/ ou historiográfica foi a princípio uma curiosidade, tanto devido à empresa Google, um gigante da internet, ser quase que onipresente na rede, quanto à polêmica que suas ferramentas suscitam na atualidade, como a violação dos direitos básicos de privacidade realizados pelos equipamentos do aplicativo *Street View*⁴, ao fotografar e mapear localidades.

Abordamos como recortes amostrais de espaço o atual Parque da Juventude - antiga Casa de Detenção do Estado, o Carandiru e a Estação da Luz e seu entorno, com ênfase na região da chamada *Cracolândia*⁵, na cidade de São Paulo (SP). A pesquisa revelou-se dinâmica na comparação das transformações que ocorreram nas paisagens dos recortes temporais possibilitados pelo Google Earth em sua funcionalidade *Imagens Históricas*.

O objetivo do trabalho compreende a problematização do uso da ferramenta digital em geografia histórica incluindo abordagens sociológicas, com o recorte de espaço delimitado de modo a ilustrar as possibilidades operacionais do uso dos Sistemas de Informações Geográficas mediadas pelo Google Earth, com suas abordagens e pertinências teóricas e práticas.

4 O'BRIEN, Kevin J., STREITFELD, David. Google invade vida privada com Street View. O Estado de São Paulo, 24 de Maio de 2012, Caderno Negócios, P. B20.

5 Termo utilizado em alusão à presença e concentração significativa de usuários e usuárias de crack na região.

Sistemas de informações geográficas e o SIG – Histórico

O ambiente Google Earth é um *software* disponível na internet; assim como ele, existem outros programas com funcionalidades semelhantes para *download* como *ArcGIS*, *AutoCad Map*, *Spring*, etc⁶. Tais programas valem-se dos Sistemas de Informações Geográficas, os SIG, os quais são aplicativos digitais com ferramentas que possibilitam a análise, manipulação e criação de banco de dados a partir de mapas e imagens obtidos via satélite ou fotografias de alta resolução e três dimensões (3D).

Os SIG ainda podem ser operacionalizados no campo da história, como em seu uso com a cartografia histórica com sobreposição de mapas de diferentes recortes temporais, por exemplo. Tal relação, como nos pontua Martha Rebelatto e Frederico Freitas⁷ corresponde à interdisciplinaridade entre história e geografia, formando o campo da geografia-histórica, corrente esta impulsionada pela escola dos *Annales* com expoente no historiador Fernand Braudel.

Sobre espaço e internet

Para uma melhor compreensão do uso do SIG-Histórico por meio do Google Earth realizaremos algumas explicações conceituais acerca das terminologias entre *espaço* e *internet*.

Seguindo a definição de Milton Santos⁸ o espaço é uma construção social no qual “(...) cada fração de natureza abriga uma fração da sociedade atual.”⁹ O geógrafo ainda complementa que a paisagem é um componente do espaço e sua relação com a sociedade, a natureza e os processos produtivos e tecnológicos resultantes dessas interações, as quais com o acúmulo de tempo obtido pelas experiências culminam em um movimento dialético entre forma e conteúdo.

No campo da internet – o qual ainda é um terreno complexo e com definições questionáveis – a noção de espaço também é reivindicada. Para Manuel Castells¹⁰ a

6 REBELATTO, Martha; FREITAS, Frederico. Desafios e possibilidades ao uso de Sistemas de Informação Geográfica na história. In: 5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, de 11 a 13 de maio de 2011, UFRGS, Porto Alegre.

7 Op. cit. p. 3.

8 SANTOS, Milton. Espaço e Método. São Paulo: Nobel, 1985

9 Op. cit. p.1.

10 CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. Tradução: Roneide Venâncio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

internet possui a peculiaridade de estabelecer um espaço de fluxos, definido pelo autor como

(...) a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as sequências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade.¹¹

O espaço de fluxo, segundo Castells, se relaciona com um novo conceito de temporalidade, o tempo “atemporal” – ruptura de ritmos sociais ou biológicos – o qual fragmenta a ideia de tempo linear e irreversível de modo a criar diversos “universos eternos”. Essas misturas de tempo demonstram-se aleatórias e são resultantes das dinâmicas instantâneas e simultâneas possibilitadas pela internet, construindo um ideário de presente eterno.

Dentre as definições de espaço sustentadas por Santos e Castells podemos identificar que ambas comungam da percepção de que as relações sociais são necessárias para a constituição do espaço. Todavia, espaços físicos e virtuais se diferenciam significativamente em suas configurações temporais e simbólicas.

Google Earth e a “controvérsia do tempo”

Mediante as experiências com o *Google Earth* é possível identificar uma funcionalidade que corresponde à abordagem da geografia-histórica proposta pelos Annales, a ferramenta *Imagens Históricas*. Com tal funcionalidade é possível delimitar um espaço e retroagir a paisagem em uma escala definida de tempo no passado. Entretanto tal escala cronológica é limitada, como é possível notar na interface da América Latina no globo terrestre, a qual somente retroage até 1934.

Os recortes selecionados para as experimentações com as imagens das paisagens situam-se no atual Parque da Juventude – na região norte da cidade de São Paulo – e no entorno da Estação de metrô e trem da Luz – situada na área central da cidade. As imagens constantes no o “retorno ao passado” fazem parte do arquivo do programa; no caso da paisagem do Parque da Juventude, o qual possui o intervalo de imagens armazenadas entre os períodos do ano de 2000 a 2009 foi por pouco (dois anos) que os registros visuais do espaço da antiga penitenciária não estivessem

11 Op. cit. p. 501.

disponíveis. O intervalo de imagens situa-se entre 2002 a 2009 no que concerne à área circunscrita da Estação da Luz.

Neste ponto é cabível problematizar a noção de tempo constante no *Google Earth* como, a princípio, de um tempo breve. De acordo com Fernand Braudel¹², a noção de tempo correspondente aos acontecimentos é de curta duração e neste caso não é possível identificar as estruturas dos processos históricos ocorridos.

Todavia, nos recortes utilizados foi possível realizar uma análise de conjuntura espacial e temporal por meio do recurso Imagens Históricas em aproximadamente dez anos atrás, quando o complexo prisional ainda não havia sido desativado, proporcionando uma análise comparativa dos mapas e dos processos de mudança da paisagem devido ao armazenamento de imagens entre os anos de 2000¹³, 2002¹⁴, 2004¹⁵, 2005, 2008¹⁶ e 2009¹⁷ (o arquivo mais recente de imagens). No que tange às proximidades da Estação do Trem da Luz, foi possível analisar as imagens armazenadas e apreender as transformações na paisagem ocorridas num período de sete anos, dos quais: 2002¹⁸, 2004¹⁹, 2007²⁰, 2008²¹ e 2009²².

Estamos, portanto, diante de uma questão delicada. Se por um lado o intervalo de tempo da ferramenta é limitado, no caso da análise das transformações da paisagem ocorridas nas regiões da antiga penitenciária e da estação ferroviária foi possível identificar e comparar mudanças conjunturais. Porém, a fluidez dos espaços de fluxos da internet não estabelece segurança consolidada como método de análise, sendo

12 BRAUDEL, Fernand. A longa duração (1958). In: História e Ciências Sociais. 5ª Edição. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

13 Figura 1: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2000.

14 Figura 2: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2002.

15 Figura 3: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2004.

16 Figura 4: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2008.

17 Figura 5: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2009.

18 Figura 6: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2002.

19 Figura 7: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2004.

20 Figura 8: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2007.

21 Figura 9: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2008.

22 Figura 10: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2009.

variáveis os resultados de acordo com o arquivo disponível na empresa que administra o banco de dados.

Paisagem, história e memória: do Parque da Juventude ao Carandiru, da Estação da Luz à Cracolândia

A partir do recurso de armazenamento de imagens e a promessa já debatida de “retorno ao passado” nos encontramos com a viabilidade de problematizar as estruturas dinâmicas e mudanças conjunturais que ocorrem também no tempo presente.

Recorte amostral: Parque da Juventude/ Carandiru

O atual Parque da Juventude, situado anexo à estação Carandiru do Metrô de São Paulo corresponde à localidade do antigo complexo penitenciário Casa de Detenção do Estado, o Carandiru, desativado em 2002. A dificuldade de acesso a história da Penitenciária do Estado de São Paulo, o Carandiru, pode ser constatada por suas escassas referências em fontes oficiais institucionais, além da ausência de um memorial em local facilmente acessível sobre as antigas edificações e fatos ocorridos outrora no local. Na página da internet do Governo do Estado de São Paulo destinada ao Parque da Juventude há apenas a referência de desativação da Penitenciária para a construção do complexo esportivo²³ e até mesmo na página institucional da Secretaria de Administração Penitenciária, com referência ao Museu Penitenciário Paulista há escassas informações sobre o complexo prisional sem considerar, inclusive, os processos que culminaram em sua desativação e demolição²⁴. Notável também é que a única menção ao antigo presídio é realizada na parte dos fundos de um dos acessos do Parque, com as ruínas da construção do que viria a ser um novo pavilhão e uma placa sucinta com a informação do que existira ali antes do parque, sem referência alguma a aspectos cruciais para a extinção do Complexo, como por exemplo o Massacre do Carandiru realizado pelas forças policiais do estado de São Paulo como intervenção à uma rebelião em 1992, deixando saldo de 111 mortes segundo dados oficiais.

23 Como pode ser observado em: [HTTP://juventude.sp.gov.br/portal.php/divirta-se/parque%20da%20juventude](http://juventude.sp.gov.br/portal.php/divirta-se/parque%20da%20juventude)

24 Consta em: [HTTP://www.sap.sp.gov.br/common/museu/museu.php](http://www.sap.sp.gov.br/common/museu/museu.php)

A Casa de Detenção foi inaugurada na década de 1920, porém a escala cronológica das *Imagens Históricas* somente retorna até o ano 2000²⁵.

Com o recorte temporal utilizado foi possível identificar mudança conjuntural, do papel social de uma penitenciária para um parque com instrumentos de lazer, cultura e educação. Entretanto, o fato de a mudança radical ser levada a cabo em curto período de tempo nos leva ao questionamento da preservação da memória enquanto tempo natural e da história enquanto tempo humano, segundo Jacques Le Goff²⁶.

A história da Casa de Detenção torna-se opaca e nebulosa, quase imperceptível se visitarmos hoje o atual Parque da Juventude. O parque e suas edificações constituem um Monumento, o qual segundo a definição de Le Goff²⁷ implica a escolha daquilo que vai perpetuar-se na memória coletiva de acordo com os interesses de quem detém o poder. Ao utilizar as mudanças da paisagem da região do Carandiru enquanto fonte, ou documento, podemos problematizar a atribuição de valores estabelecida ao apagar da memória coletiva, por exemplo, que ali existiu um lugar onde ocorreram deliberadamente violações de direitos humanos e massacres, realizados por agentes do Estado. O remanescente do complexo prisional permanece em ruínas escondidas em um local com pouca visibilidade no parque e nos muros da Penitenciária Feminina, a qual faz divisa com o Parque e os instrumentos culturais (como a Escola Técnica, quadras e a Biblioteca). Para quem não conheceu a paisagem dos arredores do Carandiru, por restrições geográficas ou temporais, o SIG-Histórico operacionalizado pelo arquivo de imagens do Google Earth possibilita associar a análise crítica de conjuntura de tempo presente, contemplando as transformações da paisagem e seu estatuto enquanto documento baseado nas fotos aéreas disponíveis no arquivo, associada à dinâmica e fluidez da internet.

Recorte amostral: Estação da Luz/ Cracolândia

Impõe-se como um desafio o entendimento da Estação da Luz e o contexto em que se insere na cidade de São Paulo, em especial para o que se denominou pejorativamente de Cracolândia, devido à pluralidade de perspectivas que em muitos

25 Figura 1: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2000.

26 LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

27 Op. cit. pp. 525 – 540.

momentos se mostram antagônicas, de acordo com os interesses em questão. A repercussão nas esferas político-sociais, ali, é significativa, por conta do fenômeno da gentrificação:

Criação de áreas residenciais para classes médias e altas em bairros de áreas urbanas centrais, articuladas a processos de controle ou expulsão de setores das classes populares, em um processo também assinalado pelo desempenho de determinados estilos de vida e de consumo, que produz mudanças da composição social de um determinado lugar, bem como tipos peculiares de segregação sócio-espacial e de controle de diversidade²⁸, impõe-se como um desafio devido à pluralidade de perspectivas que em muitos momentos se mostram antagônicas de acordo com os interesses em questão.

O espaço constituiu-se, com foco em transporte ferroviário, aproximadamente em 1860, quando o Barão de Mauá associou-se a capital inglês para construção da ferrovia *The São Paulo Railway Company*, a qual tinha como escopo direcionar a produção cafeeira do interior para o porto de Santos. Por conseguinte, no ano de 1865 erige-se a Estação da Luz ocasionando importantes mudanças no bairro, como a consolidação do comércio e sua diversificação para atender à demanda de viajantes, de tal modo que a área é valorizada por meio dos investimentos do governo local e pela integração do bairro ao centro. A Luz transformara-se em um bairro de turismo e lazer, com a Avenida Tiradentes arborizada e o Jardim da Luz começando a ser frequentado. Nos Campos Elísios, bairro contíguo, os barões do café constroem suas residências enquanto moradias populares ampliam-se nos arredores, contribuindo para que o bairro diminua seu caráter estritamente elitista e a população de classes abastadas comece a migrar para as regiões emergentes da cidade, como a oeste e a sul. No século XX gradualmente a ferrovia entra em decadência não cumprindo sua função primordial de transporte de carga, de tal modo que a Estação passa a fazer parte do sistema metropolitano de transporte de passageiros e promovendo, em meados de 1970, a incidência de segmentos sociais pertencentes a classes mais baixas na região. A presença de cortiços, prostituição e tráfico de drogas se torna significativa, ao mesmo tempo em que se implanta a linha do metrô e acontece a transformação da Avenida Tiradentes em via expressa.

28 FRÚGOLI, Heitor Junior; SKLAIR, Jessica. O Bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da *gentrification*. Cuadernos de Antropología Social n° 30, PP. 119-136, 2009. FFYL – UBA – ISSN: 0327-3776.

Normalmente as abordagens sobre a *Cracolândia* costumam criar a polarização entre justificativas de intervenção estatal e a existências de segmentos estigmatizados²⁹; um exame crítico deve evitar incorrer neste dualismo. É preciso compreender o caráter da região da luz e da população ali presente. Numa abordagem entre continuidade e ruptura ou estrutura e conjuntura³⁰ é imprescindível relativizar a pré-noção de que a modernidade levaria à dissolução plena da vida ou cultura tradicional, enfatizando como a ordem nativa tende a incorporar as mudanças, ressignificando-as. Portanto, para tornar inteligível o fenômeno é necessário apreender o contexto e histórico recente da Luz, caracterizado por conjunturas específicas de sucessivas tentativas de elitização perpetradas pelo governo local e setores privados. Talvez possamos falar de uma busca incessante de *gentrificar* a região, porém é preciso observar que não se pode apreender a *Cracolândia* enquanto totalidade cultural³¹, pois desta forma desemboca-se na uniformização de comportamentos e individualidades e concebe-se essa espacialidade como homogênea em características. Comumente depara-se com categorizações de “drogados”, “marginais”, “crackeiros” ao se fazer menção às frações sociais inseridas no contexto da *cracolândia*; muitas delas são produzidas pelo Estado e ratificadas pela lógica de seu pensamento hegemônico e uniformizador. Para engendrar um quadro de ruptura se faz necessário esmiuçar a gênese do *nóia*, figura enigmática que está presente em praticamente todos os discursos e representações sobre a região, e se desvencilhar de perspectivas apriorísticas, fatalistas e co-relacionais, que fazem associações totalizantes e estigmatizantes. Além disso, cabe refletir sobre as limitações e alcances do termo *gentrificação* com o escopo de compreender os processos de transformação e intervenção na paisagem urbana no bairro da Luz.

Atualmente a Luz comporta diversas instituições culturais, como o Museu da Língua Portuguesa, Pinacoteca do Estado, Museu de Arte Sacra de São Paulo, Orquestra Sinfônica de São Paulo, em coexistência com espaços de contra uso da cidade³², os quais reivindicam a função social da propriedade, como o caso de ocupações urbanas de prisma coletivo e popular.

29 Traficantes, travestis, usuários e usuárias de crack, e outros e outras que compõem a localidade.

30 Abordagem desenvolvida muito bem por Marshall Sahlins em *Ilhas de História* ou em *Metáforas Históricas e Realidades Míticas: Estruturas nos Primórdios da História do Reino das Ilhas Sandwich*.

31 BIRMAN, Patrícia. Feitiçarias, Territórios e Resistências Marginais. In: *Mana* 15(2):321-348, 2009.

32 LEITE, Rogério Proença. *Contra usos e Espaço Público: Notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Fevereiro, Vol. 17 Num. 49

É nesse contexto que surge o polêmico projeto urbanístico Nova Luz³³ de intervenção espacial com a finalidade de promover revalorização, consistindo no fomento de um pólo comercial e de serviços e na construção de um parque que visa o afluxo de empresas da área tecnológica, por meio de incentivos fiscais, e busca a atração de classes sociais mais abastadas por meio do espetáculo do consumo turístico, lazer e cultura. Diante disso é necessário questionar ~~sobre~~ a capacidade explicativa da *gentrificação* enquanto conceito analítico nesta conjuntura, ponderando sobre suas limitações no que se refere a um fenômeno de caráter global com particularidades locais, pois a cidade de São Paulo, particularmente a área que circunscreve a Luz, é caracterizada por dinâmica e recorrente construção e destruição da paisagem urbana como se nota nos anexos das figuras 4 e 5 e por um patrimônio plural no qual imperam discursos e práticas de revalorização. Assim o espaço tem alcançado visibilidade pela incessante busca de o poder público e o setor imobiliário transformá-lo em um “bairro cultural”. Conquanto haja esse escopo, o fenômeno da *gentrificação* é questionável, porque não houve alteração total em termos residenciais como nos casos europeus e norte-americanos; novas classes não se estabeleceram e sim são atraídas pelas instituições culturais, ademais não houve uma nova configuração do mercado imobiliário. Entretanto, tais reflexões trazem apontamentos críticos à transposição de categorias analíticas, visto que o discurso do Projeto Nova Luz intenta nitidamente a reestruturação, contudo encontra resistência da população local e um problema que é de longa data e de difícil reversão com soluções imediatas e de curto prazo.

Uma história do tempo presente

Pelo debate anterior, podemos inferir um provável lugar na história para a internet. De acordo com o historiador Henry Rousso, membro do Instituto de História do Tempo Presente, é possível investigar um tempo que também é nosso, do qual somos testemunhas vivas³⁴. A participação e experiência do tempo presente se insere no contexto social e temporal do objeto de estudo, como quando nos inserimos no contexto

33 O *Projeto Nova Luz* em traços gerais é um projeto de revalorização urbana ordenado pela prefeitura de São Paulo em 2004, no último ano de gestão da Marta Suplicy do Partido dos Trabalhadores, com o respaldo do capital privado, particularmente o setor imobiliário, construtoras e empreiteiras nacionais e transnacionais.

34 AREND, Silvia Maria Fávero e MACEDO, Fábio. Sobre a história do tempo presente: Entrevista com o historiador Henry Rousso. *Tempo e Argumento – Revista do Programa de Pós-Graduação em História – Universidade do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis, v.1, n. 1 p. 201-216, jan/jun. 2009.

da internet quando a tomamos como fonte. Todavia, a prudência a ser lançada é como utilizar tal fonte, com a necessidade do distanciamento, problematização e questionamento do objeto de pesquisa, o que se faz uma tarefa complexa posto nossa inserção no próprio presente, o que não ocorre quando são objetos de análise recortes de longa duração, os quais naturalmente estamos distantes e podemos identificar suas estruturas.

Retomando a definição de Castells da internet como espaço de fluxos e intemporalidades, podemos identificar, por outro lado, que também é possível utilizá-la como fonte e ferramenta útil. A concepção de espaço como construção social para entender os fenômenos culturais já citada neste por Santos é compreensível ao utilizar o Google Earth e sua função Imagens Históricas no espaço recortado. Entretanto, deparamo-nos com uma dificuldade de possíveis anacronismos relacionados à concepção de tempo presente ao qual se situa a internet: a paisagem só passou por modificações nos últimos dez anos? E antes do período que a ferramenta disponibiliza, o que havia?

Dessa forma, cabe mais uma vez a preocupação da historiadora ou do historiador às perguntas que fazemos às fontes, e como operacionalizamos as ferramentas disponíveis. As fontes virtuais (como todas as fontes, afinal) precisam ser questionadas a todo tempo, pois como as informações oferecidas são abundantes, instantâneas e simultâneas, encontram-se dadas e estabelecidas de acordo com as políticas de uso e reprodução dos serviços de servidor e administração dos sites, os quais podem possuir uma série de interesses e relações de poder a serem defendidas.

Por fim, tais meios podem ser frutíferos no uso da história, com o cuidado constante de problematizar as noções totalizantes, estáticas e instantâneas de tempo e espaço que podem ser enviesadas pelas ferramentas, quebrando a ideia inicial de que tais meios disponibilizam uma visão absoluta e inerte do objeto e ambiente em questão, tornando alheios fatores sociais, ambientais e temporais que perfazem a alteração do espaço por intermédio das ações humanas, não-humanas, ambientais e mecânico-tecnológicas.

Os meios digitais e virtuais fazem, de forma crescente, parte de nosso cotidiano nas diversas esferas de nossa vida e, considerando uma abordagem de tempo presente, torna-se um desafio investigar um objeto no qual também somos sujeitas e sujeitos.

Imagens obtidas do *Google Earth**

Figura 1: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2000.



Figura 2: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2002.



Figura 3: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2004.



Figura 4: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2008.



Figura 5: Representação da área do Parque da Juventude, antiga Casa de Detenção do Estado, recorte do ano 2009.



Figura 6: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2002.



Figura 7: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2004.



Figura 8: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2007.



Figura 9: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2008.



Figura 10: Representação de área contígua à Estação da Luz, entre a Rua Mauá, Rua General Couto de Magalhães, Rua dos Gusmões e Rua dos Protestantes. Recorte do ano 2009.



Referências bibliográficas

ARENDA, Silvia Maria Fávero e MACEDO, Fábio. 2009. *Sobre a história do tempo presente: Entrevista com o historiador Henry Rouso*. Tempo e Argumento – Revista do Programa de Pós-Graduação em História – Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, v.1, n. 1 p. 201-216, jan/jun.

BOURDIEU, Pierre. 1996. *Espíritos de Estado: Gênese e Estrutura do Campo Burocrático*. In: Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus.

BRAUDEL, Fernand. 1986. *A longa duração* (1958). In: História e Ciências Sociais. 5ª Edição. Lisboa: Editorial Presença.

CASTELLS, Manuel. 2003. *A sociedade em rede*. Tradução: Roneide Venâncio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra.

FRUGÓLI, Heitor Junior. 2000. *Centralidade em São Paulo. Trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Edusp.

FRÚGOLI, Heitor Junior; SKLAIR, Jessica. 2009. *O Bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da gentrificação*. Cuadernos de Antropología Social n° 30, PP. 119-136. FFYL – UBA – ISSN: 0327-3776.

GREGORY, Ian. 2002. *A place in History: a guide to using GIS in Historical Research*. Disponível em: <http://hds.essex.ac.uk/g2gp/gis/index.asp>

HUXLEY, Aldous. 1974. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Abril Cultural.

LE GOFF, Jacques. 2003. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas: Editora Unicamp.

LEITE, Rogério Proença. 2002. *Contra usos e Espaço Público: Notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Fevereiro, Vol. 17 Num. 49

O'BRIEN, Kevin J., STREITFELD, David. *Google invade vida privada com Street View*. O Estado de São Paulo, 24 de Maio de 2012, Caderno Negócios, P. B20.

REBELATTO, Martha; FREITAS, Frederico. *Desafios e possibilidades ao uso de Sistemas de Informação Geográfica na história*. In: 5º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, de 11 a 13 de maio de 2011, UFRGS, Porto Alegre.

ROLLAND, Denis. 1985. *Internet e história do tempo presente: estratégias de memória e mitologias políticas*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, nº 16 pp.59-92

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel.

Data de Recebimento: 26/08/2012

Data de Aprovação: 27/06/2013

Para citar essa obra:

BORBA, Bárbara Lustoza da Silva; MARTINS, João Rodrigo Vedovato. Entre o eterno e o efêmero: o uso do Sig – histórico para uma análise da transformação da paisagem. RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 2 - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade
<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
<http://www.labeurb.unicamp.br/>
Endereço:
LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS
UNICAMP/COCEN / NUDECRI
CAIXA POSTAL 6166
Campinas/SP – Brasil
CEP 13083-892
Fone/ Fax: (19) 3521-7900
Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>